

Capítulo IV

Timeline

A chuva fazia do asfalto um espelho quebrado. O relógio no pulso de Theo vibrou três vezes, curto, como um coração que aprende a bater em outra língua.

— Três... dois... — ele sussurrou, já com o corpo inclinado para a faixa de pedestres.

Isadora avançava com o capuz puxado. Ela tinha os cachos encharcados colando na bochecha e a jaqueta verde-mato salpicada de patches. Olhos mel atentos, joelho com uma cicatriz antiga que a chuva fazia brilhar. Parecia pequena no asfalto, mas o corpo todo dizia eu não cedo calçada. A sacola de sementes pendendo do braço. Sorriso teimoso de quem já tinha discutido com um secretário naquela manhã.

O caminhão virou a curva e a buzina atravessou os ossos da cidade.

— Isa!

Theo cortou o ar, segurou a cintura dela e puxou um passo para trás. O para-choque varreu o lugar onde ela estaria.

O mundo respirou. E cobrou. Cinco carros acertaram uns aos outros como pinos; vidros estalaram, vozes, fumaça.

Isadora, ofegante, olhos abrindo e fechando como janelas:

— Meu Deus, Theo... — ela tocou o próprio ombro, avaliando. — Você quase me desmonta. O que foi isso? E que buzina de cemitério é essa?

— Saia da linha de correção — Theo falou baixo, técnico. — A densidade de eventos subiu.

Theo era todo azul-petróleo e cinza, a luz do poste batendo nas olheiras de quem troca sono por

números. O relógio no pulso vibrava em cobre; a cicatriz fina na mão direita lembrava que laboratório também corta. Ele olhava o cruzamento como quem lê equações no chão.

— Densidade de eventos? Traduz pra língua de gente, por favor.

— Salvar você puxa custo aqui perto. O engavetamento é a... compensação.

— Você acabou de chamar gente de “troco”? — A sobrancelha dela subiu. — Não. A gente ajuda primeiro. Depois você me explica esse seu Deus-Excel.

Ajudaram. Ligar ambulância, estancar sangue com a própria camiseta de Isa, acalmar um senhor que tremia.

Quando as sirenes se aproximaram, um homem de uniforme escuro saiu da cortina de água como se a chuva abrisse caminho para ele.

— Mão para o agora. — Agente Medeiros. Voz seca, burocrática. — O anel, senhor Theodoro.

Isadora plantou os pés.

— O senhor é polícia de quê, exatamente?

— Procedimento 12. Interferência causal. O anel.

— “Por favor”? Com arma na mão perde metade do favor, sabia? — Ela encolheu o queixo, protegendo Theo por reflexo. — Tem gente ferida ali.

— Já está coberto. — O olhar dele passou pela cena, catalogando. Voltou para o pulso de Theo. — Entregue.

Theo aproximou a mão do dispositivo — e hesitou.

Por um instante, o rosto molhado de Medeiros refletiu o dele mesmo, vinte anos à frente, cansado. A chuva cortou a visão.

— Nós vamos embora — Theo disse, seco.

Isadora sorriu curto.

— Finalmente uma frase humana.

Os dois correram.

O metrô cuspiu um trem na plataforma e eles entraram de lado, sem olhar pra trás.

Isa falava muito quando o pânico batia e transformava o susto em humor.

— Então, professor: “mãos para o agora” é meme do lugar? Porque é muito bom.

— Padrão de abordagem — Theo respondeu, os olhos no mapa, medindo janelas de salto curto entre estações. — Se eles saltarem...

— “Eles saltarem”? — Ela segurou o corrimão. — Ótimo. Temos fantasmas de farda.

As luzes do vagão piscaram.

Dois agentes surgiram do nada, na porta do fundo — salto curto, brilho sem triunfo.

Isadora estalou a língua.

— Eu odeio quando a burocracia é eficiente.

Theo puxou Isa para o vagão ao lado, no exato segundo em que as portas apitavam. Um agente quase entrou; travou, esmagado pela borracha.

O trem partiu.

Lá atrás, Medeiros falava ao rádio sem elevar a voz. Nada nele pedia cena. Tudo pedia resultado.

— Você vai me explicar tudo isso direito, tá? — Isa ainda encarava a porta. — E sem grego.

— Hotel cápsula — Theo disse. — Quatro quadras. Lá, eu... explico.

A cápsula cheirava a lençol aquecido e lavanda cansada.

Isadora trancou por dentro, tirou o casaco encharcado com impaciência e prática. Piscou para Theo.

— Aviso de serviço: quando eu fico apavorada, eu falo demais. Às vezes é meu jeito de empurrar o pânico pro futuro. — Ela esfregou o cabelo com a toalha, cachos

teimosos. — Duas perguntas e uma condição. Pergunta um: quem é a Ordo Cronos? Pergunta dois: quantas vezes você já fez isso? Condição: me explica como se eu fosse... bem, eu. Urbanista, filha de professora, alérgica a jargão. Tá?

Theo reuniu fôlego e coragem.

— A Ordo patrulha violações de causalidade. Eu... voltei três vezes. Hoje foi a quarta.

— Quatro — ela repetiu, deixando a palavra cair. — E em cada uma alguém perto pagou a conta.

— A linha tenta recolar. Se eu salvo você, o universo compensa noutro ponto. Eu não escolho quem.

— Mas escolheu tentar por mim. — Ela deu um passo.

— Isso eu entendo.

Ele não achou frase melhor. O olhar pediu permissão.

Isadora sorriu de canto, levantou o queixo dele com o dedo.

— Sim.

O beijo veio quente, com gosto de chuva e metal. Isa beijava como quem conversa: avançava, recuava, ria do barulho do casaco escorrendo no chão.

As mãos dela eram falantes, mapeando o ombro, a linha das costas, o batimento no pescoço.

Theo respondeu com precisão de quem aprendeu a calibrar delicadeza; a palma achou o pulso, a respiração sincronizou sem algoritmo.

— Me promete uma coisa? — ela sussurrou, os dedos presos na barra da camisa dele.

— Duas, se quiser.

— Depois você me explica esse anel sem usar palavras que pedem rodapé.

Ele riu contra a boca dela.

A cápsula apagou as luzes sozinha.

O resto foi pele reconhecendo cheiro, risos presos na curva do pescoço, a urgência virando calma.

Quando ficaram ouvindo só a chuva e passos no corredor, Theo achou palavras.

— Eu te perdi uma vez. Não sei... — a frase quebrou.
— Não sei viver lá.

— Então não me perde aqui — Isa respondeu, firme e doce. — Agora.

O relógio vibrou quatro vezes.

Theo congelou.

— Eles rastreiam ressonância. Se detectaram quatro saltos, vão triang...

— “Vão invadir o nosso abraço”, tradução simultânea
— Isa sentou, já amarrando o cabelo num coque torto.
— Veste a calça, professor. Me dá um plano. Em português.

— Um nó. — Ele falou mais rápido. — O instante exato do seu acidente. Se empilho todas as tentativas ali, a densidade de eventos se concentra e dá pra... negociar um equilíbrio.

— Em bom português: a gente volta para o minuto em que eu morri e escolhe o preço, não derrama em gente aleatória.

— Sim. Juntos.

Theo viu o próprio rosto ali, gasto décadas à frente. A tranca eletrônica piscou vermelho. A sombra projetou-se na porta.

— Ordo Cronos — a voz de Medeiros do outro lado. — Destravem. Procedimento 12B.

— Negativo — Theo respondeu, e Isa sorriu do eco.

A porta abriu com um estalo calmo. Medeiros entrou, encharcado, e ficou de lado para abrir passagem. Um segundo agente veio logo atrás e tirou o capacete.

A luz crua pegou um rosto de pequenas cicatrizes e olhos familiares. Theo viu o próprio rosto ali, gasto décadas à frente.

— Eu vim impedir você — disse Theo_Ω. — Não porque sou vilão. Porque já fiz tudo isso e mais um pouco. E nas versões em que você vence numa quinta à noite... na sexta de manhã, o universo manda a conta.

Isadora cruzou os braços, o queixo alto.

— Se for pra nos dar sermão, vai ter réplica longa. Eu sou a viva em questão. Eu falo muito. Se te incomoda, acostuma.

Os olhos do mais velho suavizaram.

— Você continua bonita quando enfrenta o impossível.

— Mostra — disse o Theo jovem. — Mostra a conta inteira.

Sala branca, fria. Relógios sem ponteiros nas paredes. A Ordo parecia um banco com vergonha de si.

Medeiros deixou um dossiê no balcão; Theo_Ω ligou uma tela.

— Versão 3: você salva Isadora. O ônibus seguinte atropela a enfermeira que cuidaria da pessoa que salvaria dez outras. O saldo... — Ele tocou pontos vermelhos que brotaram no mapa. — Não é aritmético. É cruel.

Outra tela.

— Versão 7: você tenta “compensar” prevenindo pequenos acidentes. Cadeia vazia aqui, explosão ali. Quanto mais você mexe, mais o tecido repuxa.

— Versão 12: você sacrifica outra pessoa “voluntária”. O universo aceita. — A voz quebrou. — Você se apaga por dentro.

Isa mordeu o lábio, raiva prendendo-se no canto do olho.

— A gente não está falando de números. É gente. — Ela encarou o mais velho. — Tem alguma onde eu vivo e ninguém vira troco?

— Uma. — Theo_Ω respirou fundo. — A que eu morro aqui. E você, garoto, não volta mais.

Silêncio.

A palavra morro não era retórica. Tinha peso de metal molhado.

— Dá pra tentar outra — disse o Theo jovem, quase suplicando ao próprio futuro.

— Eu tentei todas as outras — Theo_Ω respondeu, simples.

Isadora tocou o braço do mais velho.

— Você não veio nos punir. Veio encerrar o loop.

Medeiros, até então máquina, falou pela primeira vez com voz de gente:

— Eu trouxe ele. Porque... — ele demorou, como quem perde um hábito — ninguém deveria fechar essa conta com o tempo sozinho.

Voltaram à rua.

A chuva aumentara, o cruzamento vibrava com um nervosismo invisível. O Nó.

O caminhão viraria a curva em trinta segundos.

Ecos de tentativas passadas faiscavam nas bordas da visão: um carro que quase freou, uma Isa que quase caiu, um agente que quase chegou a tempo. Era como estar no centro de um vitral quebrando, cada pedaço: uma versão.

— Ouve — Isadora segurou o rosto de Theo. — Eu não te amo pela sua capacidade de consertar tudo. Te amo por estar comigo. Se ele encerrar, me promete uma coisa?

— Qualquer.

— Vive. Sem voltar.

O caminhão apareceu, buzina crescendo como uma decisão.

Theo_Ω sorriu pequeno — um sorriso que Theo reconheceu: o de quando uma prova difícil finalmente se deixa entender.

— Obrigado por me darem um final com ela viva.

Ele se moveu com a precisão de quem ensaiou mil vezes: um passo, um giro, um gesto que empurrou o jovem Theo e Isadora para trás do poste.

O para-choque entrou como um trovão. O mundo ficou branco e som.

O Nó relaxou; os ecos foram se apagando, um por um, como velas que aceitam a noite.

A chuva continuou.

Isadora não gritou. Agarrou a mão de Theo com força suficiente para doer.

Os dois olharam o corpo de Theo_Ω sob a água que tudo lavava.

Medeiros fechou os olhos um segundo. Depois foi até lá, tirou o casaco e cobriu o rosto do homem que ele, de alguma maneira, havia chamado de colega.

— A linha aceitou — ele disse, quase para si. — O Nó... estabilizou.

Theo tremia de frio e vazio.

Medeiros se aproximou e colocou no bolso de seu casaco uma cápsula opaca, leve como decisão difícil.

— Bilhete dela — disse, a voz mais baixa. — De uma linha em que você precisou lembrar por que não voltamos.

Isadora segurou o pulso de Theo, o anel ainda vibrando, teimoso.

Ela tirou o dispositivo com gentileza e devolveu como quem oferece um copo de água após corrida.

— Vamos pra casa. — A frase veio firme, sem heroísmo. — Você me dá a mão, eu te dou uma sopa, e amanhã a gente planta árvores. Não de metáfora. De verdade.

— E o anel? — Theo olhava o metal como quem encara um convite antigo.

— A gente guarda até você conseguir dizer adeus. E quando disser, a gente desmonta junto. Sem cerimônia. — Ela encostou a testa na dele. — Sem slides.

Medeiros assentiu, burocracia de volta ao rosto para não desabar ali.

— Procedimento 12 encerrado. — Ele hesitou. — Sinto muito. Por todos nós.

Dias depois, madrugada.

Cozinha pequena, luz amarela, a cidade respirando do lado de fora.

Theo abriu a cápsula. Um papel dobrado, feito de palavras com mãos de Isadora — de outra, de todas. Ele leu em silêncio. As mãos tremiam sem vergonha.

— Tentaçāo? — Isa surgiu na porta, de meia e camiseta, cabelo rebelde.

— Saudade — ele disse, sincero.

— Quer que eu leia com você?

— Não precisa. Já lembrei do parágrafo.

Ela chegou perto, cheirando a sabonete e noite.

Theo guardou a cápsula na gaveta e fechou devagar. Olhou o anel sobre a mesa. Respirou como quem está aprendendo a usar os próprios pulmões pela primeira vez.

— Hoje não — disse, e pegou a mão dela.

Isa encostou as costas na bancada fria; o contraste fez os olhos dela sorrirem antes da boca.

- Traduz esse “hoje não” pra minha língua, professor.
- “Agora, sim” — ele respondeu, e o riso dela quebrou o ar.

O beijo veio quente, paciente, com sabores de café e madrugada. As mãos de Isa subiram pela barra da camiseta dele, mapeando o caminho até a nuca; a pele de Theo arrepiou na medida certa de perigo seguro.

Ele a ergueu um pouco, só o suficiente pra escutar o “sim” dito baixinho no ouvido; a bancada aceitou o peso dos dois.

Os movimentos foram daqueles que entendem quando avançar e quando pausar — conversa de pele que não precisa de legenda.

Quando a urgência ficou calma, ficaram um tempo respirando juntos, testando o silêncio como quem testa um colchão antes de morar num lugar.

A cidade lá fora seguiu com suas buzinas, seus amores, seus cruzamentos.

No arquivo da Ordo, uma linha discreta fechava a história: Tecnologia não recuperada; linha estabilizada; custo aceito.

Isadora encostou a cabeça no ombro dele.

— A gente não é planilha, Theo. A gente é parágrafo.

Ele sorriu, cansado e intelectual.

— E parágrafo bom...

— ...tem pausa — ela completou, rindo baixinho. — E respira.

A chuva voltou, leve. Desta vez, não parecia cobrir nada. Parecia só lavar.

No papel, lia-se apenas isto:

Se você abriu, é porque doeu de novo. Respira quatro, solta seis. Olha pra mim dormindo. Tradução: você não volta.

Se esquecer por quê, lembra da buzina e do poste.

Gaveta da direita: semente. Planta.

— Eu

P.S.: *sem slides.*